



ESTADOS UNIDOS

Comitê acusa Trump de incitar invasão ao Capitólio

Congressistas responsáveis pela investigação dos eventos de 6 de janeiro de 2021 afirmam que mensagem do ex-presidente estimulou ataque ao prédio. Em reunião tensa, assessores sugeriram ao republicano a apreensão de máquinas de votação

A mensagem foi publicada, no Twitter, pelo então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em 19 de dezembro de 2020: "Grande protesto em D.C. (Distrito de Colúmbia). Estejam lá, será selvagem!". Dezoito dias depois, simpatizantes do republicano, incluindo integrantes da Oath Keepers e de outras milícias de extrema-direita, invadiram o Capitólio. O comitê de investigação criado pela Câmara dos Representantes (Deputados) para investigar o ataque ao Congresso, que deixou cinco mortos, acusou Trump de incitar a agressão à sede do Legislativo com o tuíte. Na audiência de ontem, os congressistas entrevistaram Jason Van Tatenhove, ex-porta-voz dos Oath Keepers, e Stephen Ayres, que se declarou culpado de participar da invasão, em 6 de janeiro de 2021.

Na véspera do envio do tuíte, o magnata e assessores tiveram uma reunião tensa na Casa Branca, no que foi descrito como "o encontro mais louco" do governo Trump. Depoimentos colhidos do ex-procurador-geral William P. Barr e de auxiliares do então presidente indicam que membros da equipe de Trump, como o ex-conselheiro de Segurança Nacional Michael Flynn, chegaram a propor que o Exército apreendesse urnas em estados-chave, nos quais o republicano tinha sido derrotado.

Os congressistas divulgaram vídeos em que milicianos de extrema-direita citavam o tuíte do republicano e falavam em matar democratas. "Isso se converteu em um convite abertamente homicida. Um deles, inclusive, citou a celebração de uma 'boda vermelha', que, na cultura popular, serve para se referir a um massacre", declarou Jamie Raskin, um dos legisladores encarregados da investigação.

O comitê também apresentou um rascunho de tuíte, utilizado como prova das intenções do

Joseph Prezioso/AFP - 06/01/2021



Simpatizantes de Trump, entre eles membros da milícia de extrema-direita Oath Keepers, entram em confronto com policiais ao tentarem invadir o Congresso dos EUA



Precisamos parar de medir palavras... Seria uma revolução armada. Isso poderia ter sido a faísca que iniciaria uma guerra civil"

Jason Van Tatenhove,
ex-porta-voz dos
Oath Keepers

ex-presidente. "Farei um grande discurso às 10h de 6 de janeiro, na Elipse (sul da Casa Branca). Por favor, cheguem cedo, uma imensa multidão é esperada. Depois, marcha até o Capitólio. Parem com o roubo!", escreveu Trump, que jamais enviou a mensagem. Documentos obtidos pelos congressistas junto ao Arquivo Nacional sugerem que Trump planejou um protesto rumo ao Congresso, mas pretendia que a decisão parecesse espontânea.

Testemunha

Por sua vez, Liz Cheney, vice-presidente do comitê, denunciou que o magnata tentou, recentemente, entrar em contato com uma testemunha não identificada, gesto que colocaria em risco a lisura do inquérito. "Deixem-me dizer uma vez mais: levaremos muito a

Demetrius Freeman/AFP



O ex-porta-voz da milícia Oath Keepers, Jason Van Tatenhove (D) e Stephen Ayres (E), culpado pela invasão ao Congresso, prestam juramento ante o comitê

sério qualquer esforço para influenciar testemunhas", advertiu. A testemunha citada teria se recusado a atender ao telefonema de Trump.

Durante a audiência de ontem, o ex-porta-voz do Oath Keepers desabafou: "Acho que precisamos parar de medir palavras... Seria uma revolução armada. Isso poderia ter sido a

faísca que iniciaria uma guerra civil". Jason Van Tatenhove também descreveu o grupo do qual fazia parte como "uma milícia violenta". "Eles são uma organização muito perigosa. Tivemos um vislumbre do que os Oath Keepers são, em 6 de janeiro de 2021", admitiu. "Tivemos sorte pelo fato de um banho de sangue ainda maior não

ter ocorrido." Ao ser questionado sobre o motivo pelo qual decidiu invadir o Capitólio, Stephen Ayres respondeu que não planejava marchar até o prédio. "O presidente (Trump) irritou todo mundo e disse-nos para descermos até lá", afirmou.

Cinco membros de outro grupo, os Proud Boys, foram indiciados em junho por acusações de conspiração sediciosa por atos ligados ao ataque ao Capitólio. Onze membros do Oath Keepers enfrentam acusações pelo mesmo crime e três deles se declararam culpados. Segundo a agência

France-Press, mais de 850 pessoas foram presas por associação com a invasão ao prédio do Legislativo. Nos Estados Unidos, o crime de conspiração sediciosa é passível de 20 anos de prisão. O comitê da Câmara pretende estabelecer as ligações entre Trump e as milícias.

Trump foi processado duas vezes por eventos envolvendo o ataque ao Capitólio. Foi absolvido pelo Senado após ser acusado pela Câmara de incitar a insurreição. Ontem, ele descreveu os membros do comitê como "bandidos e hackers políticos". "Já os vimos antes?", perguntou. "Sim, são essencialmente os mesmos lunáticos que enlouqueceram o país com suas mentiras", disse o magnata, que amarga perda de popularidade entre os republicanos. Pesquisa divulgada ontem mostra que metade dos eleitores do partido pretende votar em outros nomes nas primárias.

SRI LANKA

Presidente foge para as Maldivas

O presidente do Sri Lanka, **Gotabaya Rajapaksa**, deixou o país na madrugada de hoje (noite de ontem, em Brasília) a bordo de um avião militar com destino às Maldivas — um provável prelúdio de sua renúncia, após meses de protestos generalizados sobre a pior crise econômica da história nacional. No último sábado, depois de milhares de manifestantes invadirem a residência oficial do presidente, Rajapaksa prometeu que renunciaria e abriria o caminho para uma "transição pacífica" do poder.

O chefe de Estado de 73 anos, a esposa e um guarda-costas abandonaram o Sri Lanka em um Antonov-32 que decolou do principal aeroporto internacional, confirmaram a agência de notícias France-Press autoridades da imigração cingalesa. "Seus passaportes foram carimbados e eles embarcaram no voo especial da força aérea", disse um funcionário.

O avião ficou mais de uma hora na pista sem poder decolar após uma confusão sobre a permissão para pousar nas Maldivas. O arquipélago encontra-se

AFP



ao sudoeste do Sri Lanka, no Oceano Índico. Poucas horas antes, Rajapaksa havia considerado a possibilidade de deixar o país em um barco de patrulha da Marinha. No dia anterior, ele não conseguiu pegar um avião para Dubai após uma briga com o serviço de imigração no aeroporto.

O chefe de Estado e sua mulher passaram a noite anterior à viagem que pretendiam fazer a Dubai em uma base militar, segundo fontes oficiais. No aeroporto, porém, os

funcionários do serviço de imigração negaram acesso à sala VIP para carimbar o passaporte. Rajapaksa queria evitar o terminal público por medo da reação da população. Seu irmão Basil, que pediu demissão em abril do cargo de ministro das Finanças, também não conseguiu embarcar no avião com destino a Dubai.

Basil, que também tem nacionalidade americana, precisou obter um novo passaporte depois que deixou o seu na mansão

presidencial, quando a família foi obrigada a fugir. De acordo com fontes oficiais, na residência foram encontradas uma mala repleta de documentos e 17,85 milhões de rupias (cerca de US\$ 50 mil dólares). Se Rajapaksa renunciar como prometeu, o primeiro-ministro Ranil Wickremesinghe o substituirá até que o Parlamento escolha um presidente interino para o restante de seu mandato, que termina em novembro de 2024.

Mas Wickremesinghe também não goza de legitimidade diante dos manifestantes, que estão acampados em frente à secretaria presidencial há mais de três meses para exigir a renúncia do presidente. O premiê anunciou sua disposição de deixar o cargo, em caso de consenso para formar um governo de unidade.

Rajapaksa é acusado de péssima gestão da economia, o que levou o país a um cenário de caos e uma crise profunda por falta de divisas, o que torna impossível financiar as importações de produtos essenciais para a população de 22 milhões de habitantes.

Philip Fong/AFP



Milhares de japoneses se despedem do ex-premiê Shinzo Abe

Cinco dias depois de ser assassinado durante comício na cidade de Nara (oeste), o ex-primeiro-ministro japonês Shinzo Abe foi sepultado, ontem, em uma cerimônia fúnebre reservada para familiares e amigos. Pouco antes, milhares de pessoas se reuniram nas ruas de Tóquio para se despedir do político e observar a passagem do cortejo (foto). O funeral privado ocorreu no templo budista de Zojoji. Longas filas de pessoas vestidas de preto foram vistas diante do prédio. Abe foi alvejado com dois tiros enquanto discursava em apoio aos candidatos do Partido Liberal Democrata (PLD), dois dias antes das eleições para o Senado. O assassino, Tetsuya Yamagami, 41 anos, disse à polícia que atacou o ex-premiê por crer que ele estivesse ligado a uma organização religiosa que, ao que parece, prejudicou sua família. Após a homenagem, o cortejo com o caixão de Abe passou por locais emblemáticos da capital japonesa e pelos símbolos do poder, como a residência oficial do primeiro-ministro e a sede do Parlamento. Do lado de fora dos edifícios, funcionários prestaram reverência. A viúva de Abe, Akie, sentou-se na parte da frente do carro da funerária com a lápide de seu marido com seu nome póstumo, de acordo com a tradição budista.